

Ojú Axí



# Ojú Axá

P E D R O R O C H A



Rio de Janeiro, 2019

*Ojú Axé*

ROCHA, Pedro

ISBN: 978-85-518-2026-1

1ª edição, junho de 2019.

REVISÃO E CURADORIA: Paulo Sabino

PRODUÇÃO EDITORIAL: Cristine Ferreira

FOTOS DE CAPA: Pedro Rocha

CAPA: Guilherme Peres

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.

Rua Mayrink Veiga, 6 – 10º andar, Centro

RIO DE JANEIRO, RJ – CEP: 20090-050

[www.autografia.com.br](http://www.autografia.com.br)

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem  
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.



*para:*  
*Mãe Nilsa de Nanã*

*todo povo de santo*

*as gentes interessadas em liberdade*



*à memória de*  
*Pai Waldir da Bessen*  
*Mãe Avani d'Omolu*  
*Pai Flávio d'Ajunsun*  
*Kátia da Oxum*





# canta o corpo em segredo

andré capilé

## I

dono de todos os começos, o caminho dos caminhos antes do antes. pedro sabe e referencia, reverente, que “veio de longe essa carcaça / esse corpo”. o portão, se reconhece um sabedor dos espaços, deixa entrar. pisa macio, também, você que entra. para entender o segredo dos ritmos, pouco basta a ciência do sagrado. é que não se ensina, vive-se. se o santo assenta, sinta. assunto não falta. na primeira queda das conchas, assim responde o guardião, o falador doa sua fala. senhor de todas as passagens, a passagem: “dá licença, exu, saúdo seu chão”.

## 2

um corpo quando chega, todo cheiro de rua e palco, cumpre dizer que precisa amansar. sem folha não se faz nada. um corpo quando chega, prepara-se, posto que “quem agora trabalha / já não é de carne / sente-se o invisível”. o tempo de estar é fora da conta dos dedos. é o tempo no tempo do tempo. e assim se dá, também, o espaço do templo, a quem está aos nós do “segredo solto”. cada um é grão de farinha, “punhado por punhado”, os que nunca estão sozinhos, pois “o padê só se faz acompanhado”. e pedro nos dá um sentido novo de comunidade: estamos porque juntos fomos aninhados.

3

há um tanto necessário de ser preciso no dizer sem dizer, afinal “o segredo é uma sirene em silêncio”. o fazer, no qual pedro nos enreda, apresenta-se como um jogo de iniciados. não por estar codificado em cifras, mas por ser & estar continente do rito. em cada bacia, um rio de água vária. dispa-se. lave-se. e se o caçador te chamar para que dance, sob o arco armado, em seu território, deixe que te conduza em posse.

4

teus olhos não terão repouso. a todo instante a pauta balança. teus ouvidos não terão descanso. a todo instante a pauta se canta. pedro, desde sempre um corpo possesso no vento, vive e vibra como agência da voz. sabedor enorme de cada respiração, aqui nos entrega, como oferenda, um variado repertório de síncope. deambulando entre uma mancha gráfica sinuosa, e um modo particular de enunciar falas, nos lança num estado de reza em língua que mesmo sendo de outro, também é para todos, e ainda muito própria.

5

quem tem, em si, um brando amalucado, dança à borda da boca da terrina. se um dia fomos, como pedro, de barro sem molde, cabe se colocar ao zelo da mão que cuida & cura para tornar-se, então, alguidar empenhado de muita fruta futura. largar-se, como quem se alaga, “quando a correnteza / (...) desenvolve / o afeto”, da vida que trabalha por entrar em seus vaus quando dá pé, a travessia dos que, à través, vieram no casco da tartaruga e cá permanecem como “grito do meu ancestral mais antigo na minha garganta hoje”.



6

poderia, portanto, dizer, claro como água de poço, que é uma peça da experiência de quem entra e permanece feito um filho no colo de mãe. contudo, entregar fácil o ouro das noites e manhãs é banir o prazer do feitiço. em cada linha, traço de imagem da margem a desbordo da existência, pedro nos dá, desde o fundo, a pedra de toque do encanto. entretanto, para mexer a louça dos dias, cabe sacar de santo-e-senha a “granada que ele / ativa”.

7

a mim não cabe entregar o sussurro do segredo. não, não cabe. entra na mata deste terreiro, você. o que há por dizer, ainda, é: o que você tem nas mãos é, da vida, o livro mais pessoal do poeta. e, talvez por isso, cante a presença de todos nós. é pedro quem diz, enfim:

O corpo do povo  
de santo  
executa um esforço singular  
para ser esse coletivo.

Até aqui re-existimos  
e somos parte  
identidade  
parte  
segredo

profunda poesia física.



## Nota do autor

Minha escrita despertou em 1993 quando inaugurei-me ao risco no palco do CEP Vinte Mil. Este livro teve início no ano de 2002, quando comecei a frequentar o Ilé Axé Ojú Okan, ainda como abian. Nesse mesmo ano, publiquei, após quase dez anos de poesia falada, um primeiro gesto solitário em papel na Coleção Séc. XXI, que levou o nome de *Escrita de Galo* e logo em seguida o primeiro livro livro, *Onze*, pela Azougue.

Em 2005, cumpri os preceitos de iniciação no santo — pouco mais de um mês recolhido em contato com extrema poesia — neste mesmo barracão, em Bangu, com meus irmãos de barco, feitos e cuidados, por mãe Nilsa e pai Waldir.

Os poemas para este livro foram surgindo aos poucos, sem qualquer método ou pressa, ao contrário da trajetória do poeta que a todo momento tenta um traço que proponha linguagem, subversão. Passei a ter uma bifurcação no meu caminho, no meu procedimento de criação. Chegou a existir um heterônimo, mas ele não aceitou continuar a conviver comigo, tão desorganizado que sou e pensando e trabalhando sempre em outros projetos de escrita. Ele queria ser um Alberto Caiero. Tudo bem, cada um faz o que quer da própria vida, mas aí fui eu que tive que determinar os meus limites: eu queria assinar o livro e que ele não fosse uma coleção de odes para uma apreciação. Eu, totalmente envolvido dentro do candomblé, numa

existência bastante distinta, ainda assim, não desejava que esse viés de mim fosse menos ativo e imbricado com os movimentos e transformações que experimento na sociedade laica. Colocados os fatos e os quereres, o moço aceitou, virou as costas e partiu. Eu fiquei acompanhando seu caminhar. Quando ele já ia longe, voltou-se como quem sabia que estava sendo observado e pintou o ar com a pergunta: “E se o livro ficar todo confuso, com várias linguagens e abordagens completamente diferentes umas das outras?” Fiz sinal de positivo com a mão e acenei o derradeiro *ciaó*. Ele parou na curva antes de sumir, me olhou pela última vez e foi.

Continuei com os outros livros, nem sempre um de cada vez, e, quando estava no barracão, escrevia algo para o *Ojú Axé*. Tendo iniciado este trabalho no mesmo momento em que, pela primeira vez, voltei minha atenção para a plataforma publicação, e sendo este o oitavo gesto em papel, livro livro, este objeto é sem dúvida um poemário que abrange diversas linguagens e idades, como bem me alertou Ocanaxéci, o heterônimo que virou a curva, e é com imenso prazer, junto ao Paulo Sabino e Cristine Ferreira — editores do selo Bem-te-li — e à equipe de trabalho da ed. Autografia, que abro esta saída à luz, à festa do registro e resistência.

Amplexos elásticoS

Pedro.

*Olorum Ekê*

*Olorum Ekê*

*Olorum Ekê*

*Eu sou poeta do povo*

*Olorum Ekê*

*A minha bandeira*

*É da cor de sangue*

*Olorum Ekê*

*Olorum Ekê*

*Da cor da revolução*

*Olorum Ekê*

*Meus avós foram escravos*

*Olorum Ekê*

*Olorum Ekê*

*Eu ainda escravo sou*

*Olorum Ekê*

*Olorum Ekê*

*Os meus filhos não serão*

*Olorum Ekê*

*Olorum Ekê*

*Solano Trindade*

## Odù

Deço os 22 degraus  
ressoando os passos  
na madeira da escada  
de casa até abrir a porta  
do sobrado e arrematar  
os 7 de pedra  
da parte entre a porta portuguesa  
e o portão de ferro azul  
que me oferece à rua.

Avanço ladeira acima  
pelas seiscentas e oitenta  
fileiras de 24 e 25 paralelepípedos  
alternadamente  
num total de dezesseis mil, seiscentos e sessenta  
prismas de seis lados:

esse hexaedro em granito  
de granulação média ou fina  
cujas faces opostas são paralelogramos  
nas seguintes medidas:

*comprimento – 22 a 28cm*

*largura – 11,5 a 15cm*

*altura – 13 a 15cm*

*peso 8 a dez quilos por indivíduo*

ao caminhar por essa  
fatia de história exposta ao sol  
não me esquivo à lembrança  
dos apagados pretos do Maciço  
da Pedra Branca e o manejo  
da floresta, substituindo a vegetação  
original por Carrapetas — madeira  
de uma árvore antes menos abundante  
mas mais viável na geração de energia  
da construção civil da época  
baseada em pedra  
onde em um metro de trabalho  
nessa matéria, se utilizava  
15 ponteiros de ferro fundido  
e que para afiá-los  
foram erguidas na mata  
pelo menos novecentas carvoarias  
dez mil toneladas de carvão por dia  
e nenhum registro em papel existe  
dessa gente a quem se deve reparação  
e tudo o que isso implica.

Cruzo a Almirante Alexandrino  
que agora esconde o simbolismo  
e espero o bonde que me largará  
na Carioca onde o metrô — sentido  
Uruguai ou Pavuna — me leva até

a estação Central para entrar no trem  
linha 6 — Santa Cruz —  
22 paradas  
se parador:

Praça da Bandeira  
São Cristóvão  
Maracanã  
São Francisco Xavier  
Riachuelo  
Sampaio  
Engenho Novo  
Méier  
Engenho de Dentro  
Piedade  
Quintino  
Cascadura  
Madureira  
Oswaldo Cruz  
Bento Ribeiro  
Marechal Hermes  
Deodoro  
Vila Militar  
Magalhães Bastos  
Padre Miguel  
e Guilherme da Silveira



— nenhuma leva o nome de Solano Trindade  
mas o poema ainda se escuta no trajeto  
“tem gente com fome” —

a composição segue  
sem mim.

Bangu.

Ali mesmo, tomo o 918  
até o Rio da Prata  
Senador Camará  
e piso de novo o chão  
em frente ao antigo Mindelense  
hoje Multi Market  
e descendo a rua Paulo Mendes Rodrigues  
cruzo a ponte e quebro à esquerda  
na projetada i.

De um lado o rio  
no outro passo a casa do Seu Jorge  
autopeças do Pedro  
o muro da Dona Cinira  
e antes de chegar no Seu Oswaldo  
me direciono para a casa com uma  
bandeira na porta  
com um coqueiro na porta  
com um Mariwó na porta  
com um urucuzeiro ou açafroa na porta.

da outra margem  
as bicicletas da oficina  
debruçadas umas sobre as outras  
decantam o sal que os cavalos esparjam no ar  
abrindo-lhes as botânicas de ferrugem

portão de ferro branco

frutas, quartinha e garrafa em cima

— ago Ilé

## Guarda Brasa

na porta da minha casa  
uma mulher secreta saúdo  
é ela que me aguarda na entrada

— Ago Exu, Laróyè!

e passo à sala

é a ela que se inaugura a minha fala

— Ago Exu, tô em casa.

são seis passos do silêncio  
e três batidas na porta da morada

— Dá licença Exu, saúdo seu chão  
veio de longe essa carcaça  
esse corpo que tanto  
a sua força protege e abraça  
alarga meu caminho onde passa  
sou mais uma peça desse time  
esse timbre  
abrsa nossa massa  
soa nossa soma paz às gentes

avança Exu! sabida na encruzilhada

desfaz o mal com flor

Axé Exu! Chuva de Prata!

Tô fácil na certa  
a senhora fisga minha fê  
tão próxima que se sonho: já é!

Exu Axé!

essa Árvore é trabalho  
incansável guardiã  
é ofício bruto  
andando em terra  
derrubando lágrimas  
meus olhos vez em quando

eu confio num Exu  
meu peito sente: sei

é Dona Figueira

linda no corpo que minha mãe  
que amo imenso  
empresta a serviço de Deus

## nas veias da Folha

rasgo o segredo

nas veias da folha  
que vejo em bacia branca  
frente à vela

rasgo o segredo

e o ar responde com  
o aroma verde

rasgo o segredo

que se organiza  
mandala alada  
liberta do secreto

rasgo o segredo

junto ao orixá  
a ágata abraça essa mistura  
de saião  
alecrim  
manjeriço...

berço de tudo  
babá Ewé  
tinge seu axé  
em meus dedos  
que preparam  
a ferramenta líquida  
do início de uma longa jornada

faço com minhas mãos  
o alvoroço da alegria de meus irmãos

junto nesse rito de canto quinando a erva  
que zela nesse barracão

feito o ato  
o feitiço repousa

quem agora trabalha  
já não é de carne  
sente-se o invisível  
em nosso universo

Ewé ó Ossain

sua morada é no lado de fora  
seu saber não cabe em casa  
como cabe tanta firmeza e força  
em folha flexível

# Barracão

Nesta casa  
a noite range  
seus rótulos de mistérios  
reagem  
(o gato  
na telha  
tenta o silêncio  
mas  
nada esconde  
silhuetas  
a menos)

O segredo  
solto

é operário  
o tempo todo

inda mais  
quando se aninha  
aos ouvidos

da Mãe de Santo

tangendo

No trabalho  
destila-se  
nódoas  
tempero

## Tempo – 30/05/2008

o vento beija  
arpeja a palha de Mariwó  
aqui na frente, a luz

é leite

deleite alegórico  
quieto aqui nesse banho  
percebo os tamanhos  
os santos em suportes de troncos

seus encantos  
seus encontros

o da terra  
do tempo  
da lança do Ayé a Orun

na sombra do peregum  
dança uma rã oculta

perto da quartinha do portão  
uma vela explode proteção em luz  
clareia o poço e suas duas carrancas



(suas diferenças na  
comunhão de um  
mesmo prato)

a parede indica tanta vela  
é testemunha  
e é lindo uma quartinha em pé  
é função sempre  
um soldado coroadado  
emocionado cheio de água

## Tarefa

Fazer o padê é corporal

O corpo nega  
um lado

assume postura  
outra

caso cõa farinha

A mão esquerda  
é quem trabalha  
enquanto ele  
segura a sua  
direita

O ato é demorado  
apenas um punhado

punhado por punhado

mão canhota  
mexe um pequeno bocado

enquanto Exu segura  
seu outro lado

o padê só se faz acompanhado

## trans valor ação

no Axé  
não tem fãca  
é Obé

faca fêre  
futuca  
faz por agrado irresponsável  
mão de qualquer um

Obé é ferramenta do Sagrado  
oferece o ato  
mão de Ogan  
criação de Ogun

## Primeiro Dia

o Obé obedece  
o trabalho do Pai

depois do serviço de corte  
em bicho de quatro calçado  
a luz é óleo

o éjé consagrado  
é a única cor em Tempo  
quando ele cai

começa

O segredo é uma sirene em silêncio

(notou que o mundo se calou?)

Ah, Pra quem fez:  
Cruza três  
em cima do Orí  
nas direções que se sabe.

o próximo sou eu.

## Rédea solta

Odé me dá o arco  
o ato  
o salto  
o mato

esse em que me encolho  
que me acolhe  
escolhe  
entalha  
engasga  
e engenha

Desde quando  
Pedro era uma  
simples ideia  
ainda amorfa

uma trufa  
afogada  
na terra a ser  
descoberta por  
narinas de Odé

verde  
verga  
gera  
ergue

os matizes das copas  
incendiando a vista  
espreita de invenção

Odé Ofá

inaugura ação  
nação  
inauguração  
auguri

curiosidade de perder o medo

Aréré

Odé Onié

atenção no caminho  
cavalo atado  
porco espinho  
gambá pavão  
e recolocar o ninho no galho  
bem-te-vi cambaxirra tucano  
cachoeira que não cabe em cano  
cânone

Ketu  
Erinlé  
Odé

mó fê o

## Omolu

ele está sempre  
cuidando  
mas precisa muito  
de cuidados

faz silêncio  
agora só seus rangidos  
existem a partir  
do momento  
em que lhe oferecemos  
mimos

todos presentes  
afirmando o amor  
o zelo  
coberto de palha  
um corpo sem pelos

todo regalo  
benesse  
retificando  
e ajustando  
erros no passado

## Abian lapidará o ori

O abian deitado  
é o próprio barro desacordado  
barro calado ainda

O ser de borco  
saturado de contato  
tem um novo trabalho:  
lançar-se parado.

Ele é o chão fértil  
de um candomblé semente

sendo ele mesmo uma própria

vai acordando cada conhecimento  
que ocorrerá dentro de sua trajetória  
nessa espiral anti-horária que viaja o tempo

executa a tarefa de alastrar-se no ayé  
que sustenta tanto poema.

Medo não há

Apenas o recuo do olhar  
para que o corpo trabalhe  
com a inteligência que não  
tem esse nome



Ago ìyá  
Motumbá  
Modupé

Ao seu chão integro meu coração

Depois  
deitado  
o orí comendo  
oferecido e oferecendo  
orí florescendo  
frente à mesa de comida seca  
e axé no doce e louça

sonhou.  
(o sonho é mais um ibá — uma superfície de contato)

Por cima de si  
uma pressão muito forte lhe despertara  
a presença da palha  
grave como uma nave  
a poucos palmos do solo  
solucionava uma despedida  
um sedimento cedendo  
lugar e posse.

(mas àquele momento não parecia isso)

A transferência de imagem dessa  
— do espaço à mente —  
ocasiona um rame no ambiente

esse momento  
imerso em alta amperagem  
tão denso como a garganta  
que desce o desconhecido mar

WRMWVWRMWVWRMWVWRMWVWRMWVWRMWV

Até que o silêncio  
como o da ave que  
desliza alto o ar

explodiu

Surgiu aos poucos no mesmo lugar  
o funfun e a luz que dele decola

O que não era isso — esse  
foi-se decantando e repousando  
na cerâmica do quarto  
que rápido a tudo sorvia  
servindo-se dessa decomposição

O abian dormiu  
Acordou o yaô

## Intersecção

o Orixá caminha até o Ibá  
que o zelador plantou  
no solo da sua  
esfericidade

a zeladora deixou  
com propósito  
prestígios em  
objetos muito  
bem arrumados  
que o Orixá  
conhece

o encontro  
se dá porque  
se quer  
porque  
se sabe fazer  
bem feito  
o afeto

orixá

cabeça  
destino  
parte de cima

ìyáwó

catar colher apanhar  
+  
ceifar  
escolher optar

esposa  
pessoa recém

iniciada

igbá  
cabaça  
terrina onde são  
depositados objetos  
rituais de orixás

## No runkó

Em verdade  
não devo olhar  
pela mais linda janela  
que pode ter em terra  
um quarto

Nuvens paradas  
sobre a pedreira  
esperando que eu saia

## Ferramenta metafísica

No Candomblé  
tudo é símbolo  
ícone oral  
gesto gerindo  
silêncio compartilhado

mas ô Mãe pra ouvir o invisível!

# Sou barro só

É de Nanã

essa

chuva e

esses

dias que se ligam

lá

na frente

no fundo

dos meus dias

nascendo de Nanã

no alto de minha cabeça

minha mãe essa chuva

essa certeza cinzenta

densa

mãe, esse barro do teu ventre

que é pra sempre meu corpo

tão prestes a se entregar

essa dança preta que reza

ergue o chão à testa  
me faz criança  
e fica pra sempre na lembrança  
como coisa mais importante

{É de Nanã meu ar  
seu ar seu barro sou eu  
sou de Nanã seu barro  
choveu no ar olha eu

choveu de Nanã seu barro  
eu ar eu ar eu  
mãe de Nanã me guarda  
em seu barro volto seu

ô a mim mãe maior me acolhe  
mãe maior  
ô a mim mãe maior me acolhe  
mãe maior

meu melhor  
foi já molhar  
moldar o que se der

ô íyá a hora é  
minha cabeça se dá  
sua benção me dê}





## Portal de metal


Uma flor prateada  
de metal adornado  
com variadas copas  
de boca para baixo  
sacoleja na mão da mãe  
na mão da equede  
da ìyá  
do babalorixá

Imprime um som  
espalha um transe  
e o salão desmancha  
a percussão em movimento

regregereregeregeregeregeregeregeregeregeregereg



Em movimento a percussão  
desmancha o salão  
no transe que  
espalha o som  
que imprime

o babalorixá  
a ìyá  
a equede  
a mãe



que na mão sacoleja  
a copa que entorna  
o encanto pelo solo  
riscado de dança  
que desvela  
o Orixá

O nome desse instrumento  
de metal adornado  
suturando o som  
com realidade  
é Adjá



## Nasce o Bara

Banho rubro  
em barro brabo  
nasce o Bara

Búzio boca  
Búzio olho  
Búzio crista

bonito  
bruto  
e bem feito!

bota o caminho onde quer  
abre o voo  
vigia a porta

— Fale com ele antes!

Agora  
esse Bara  
é mais um em casa

Poesia abre o Caminho da Asa

## A vela é a fala

Na minha camarinha  
madrugada de decantar  
o encanto.

O escuro se agranda  
envolvendo as bordas  
dos objetos  
ganhando universos por  
dentro

exceto com as falas  
nas velas.

No breu — no silêncio

No candomblé profundo  
testemunho um segredo  
que não me solta ao  
sono

e assisto regalado  
ao vozerio  
do fogo  
depositado  
e distribuído  
em cada pavio.

À frente de cada íbá  
um toco de cera  
parece que delira  
mas à medida  
que a chama bruxuleia  
e vence as escamas do escuro  
entendo primeiro a língua do vento  
e percebo que elas

as velas  
se utilizam desse deslocamento  
oportuno para talhar um dialeto  
radiando o diálogo  
no espaço que margeia  
nossa distância.

Quase traduzo  
o lusco-fusco  
que os tocos  
imprimem  
no ar  
em idioma  
humano

mas ainda não tenho  
a ousadia e idade  
e deixo para treze anos e dois meses mais tarde.

Esse agora em que me debruço nessa lembrança  
e revelo o que em 2005, dezembro,  
presenciei na madrugada  
da minha gestação:

A fala arde  
no cume da vela.  
É nela que a fala se talha.  
A vela é a fala  
que o íbá gorjeia  
na velocidade das  
piscadelas e diferentes intensidades  
dissipadas como sinais.  
Pequenos estrondos  
no escuro bruto.

A comunicação é veemente:  
Uma, estaca constante  
plena luz retilínea escuta.  
Outra desata e tremula  
inúmeros golpes de  
oxigênio consumido  
tagarela labareda  
Até que cessa!

Imediatamente uma terceira  
inicia em ritmo distinto  
nunca visto  
e se acaso encosta-se o ouvido  
na proximidade possível  
que o fogo permite  
escuta-se o som que isso  
emite. Atesto: elas  
as velas  
estão em ação também  
em prosa ou verso

— não tive acesso à transcrição —

e esse movimento  
que parece ser o vento  
— mas que de fato não é —  
segue noite adentro  
manhã afora  
vara a tarde e  
entra na madrugada próxima

até que se complete  
os sete  
dias  
que a espessura do roliço  
de cera garante.

É preciso elucidar  
que essa possibilidade  
essa esdrúxula constatação  
vertiginosa de que coisas  
aparentemente sem vida  
carreguem discurso autônomo  
e elaborem pensamento  
ou impressões  
comandos ou  
narrativas utilizando  
a própria combustão  
como linguagem  
não foi gravada na fábrica  
de Madureira onde num início de tarde  
uma irmã de santo  
encheu a mala do carro com caixas delas.

As velas  
têm essa propriedade  
talvez através da madeira  
do fósforo que a equede risca  
e sustenta um lado da haste  
enquanto pensa e firma  
o nascimento desse  
contato com o antepassado.

Nem tudo é tão oculto.



Esse poema preme de frustração  
não consegue provar milagre algum

Está óbvio escancarado na cara  
iluminada pela fala que a vela revela

pena que apenas agora  
destranco essa experiência:  
o toco de cera é a pira  
que espalha a fala  
que meu olho ampara  
e o ouvido mira.

## Colibri

— *Tiorzinho, tiorzinho, eu vim trabalhar...!*  
— *Quer ajuda? O que você precisa?*  
— *Borta esse jurnto derse no orto lado — e um de cada lado.*  
*e nunr fala nada. Num arbe a boca. Vai firca formoso!*  
*Mar num arbe a borca! Eu tenho que ir embora...*

### Colibri

manipula um instrumento  
dentro do cotidiano.

É um meio de esconderijo  
de onde dirige o procedimento.

Objetiva a ponta do meridiano  
essa abóboda  
em cujo centro  
o cambono  
age

para que em si  
o gesto como um jato  
desparasite a periferia do feitiço.

E o que se organiza  
desde monumentos mais abstratos  
se concretize nas matrizes  
do humano, mais rápido.

Quando cuidado,  
o Erê é o achado.

## No orô

Existe um momento  
de extrema deci-  
são:

Abrir a porta do galinheiro e co-  
lher o Adié

Olho no olho  
e ver quem vai re-  
cuar

## Adjuntó

Ouro doce  
desce o rio  
onde a mãe  
do mel  
aguça a água

Da cabeceira  
ela incita magia  
na cuia  
no porongo  
na curcubita

Seu tato  
desperta um afago vivo  
na pele

pèlépèlé

quando a correnteza  
me envolve  
desenvolve  
o afeto

se ganho o amplexo  
acrescido de sussurro  
canto tão suave brotando  
do palato da elegún

Omi

Motumá iyá

Ora Yé Yé o Oxum

## Ilá

a poesia não é um mero  
contorno um adorno de borda

Ela é magma caldo de mundo

a poesia não é brisa no rosto  
iluminado de pôr do sol  
espuma da onda

Ela é o silêncio do escuro do fundo do mar

não é minha voz cantando  
o amor de calçada

É o grito do meu ancestral mais antigo na minha garganta hoje

## haiku pra Logunedé

luz n'água do rio  
a imagem d'uma lua  
lamento tremula

## Alicerce

O centro do relógio  
onde dança o avanço  
no revés do tempo  
come embaixo

Ele tem um berço  
de Onilé em seu  
enlace no sagrado

O cume do centro  
do segredo está coroado  
enfeitado de folha  
barro e quiabo

Ao redor do nosso marco  
redivivo, retornamos à tribo  
à casa, barco antepassado

No centro do terreiro  
onde a dança avança  
o tempo de ré

repousa um enorme jarro

Os que lhe confiam  
existir elevam  
o chão à testa

Motumbá Oriaxé



29/06/2005

Xangô

de uma fogueira que não apaga

Axé incandesceu a madrugada  
lenha chorando vida  
manchando o chão de vegetal

a chama escancarada no ar  
é uma porta aberta sugando ar

meu corpo em frente

Quente

desde sempre

se rende

Obanixé Kawó

retorce o tronco consome e constrói

Kabiyèsilé

Oba seree

Oyó é hoje

# Defumador

Um cavalo trota fora  
cascos  
cocos  
oco  
ouço

toque  
terra pressionada  
o som  
prisioneiro dele

e mais grilos

lançando lumes

são preguiças

cartazes  
daqui

a brisa  
exposta

responde nas folhas  
presas  
das árvores

ou nas que no  
chão roçam  
suas corridas  
céticas

O cheiro robusto  
é um músculo  
que a planta lança  
quando queimada  
nesta ferramenta  
que uso hoje  
e trabalha  
ontem

## Ponto das caboclas

Salve a mata

A mata  
que com seu manto de verdes  
me ata

Precisamos do chão  
desimpermeabilizado

Respira e resiste  
tudo o que em mim  
é Mato

Cresce o mato como um mito coletivo  
querendo alastrar-se  
ganhar terreno

Em cada vida asfaltada  
em cada calçada esquecida  
da cor da água

nos córregos emparedados da cidade  
pulsa uma saudade de uma paisagem mais justa

onde todos tenham

o pé nu  
no chão nu

e faça-se caminho

Saudade da sombra da árvore  
e do entendimento  
de que somos parte desse manto mato

Saudade é mato: cresce em qualquer lugar

Que se proteja  
o que nos dá força  
e nos finca firme  
de novo  
no que somos

Nós somos o quê?  
Caboclo!

Eu sou mais um guardando a aldeia Maracanã  
Oke Caboclo!

# Deixando despacho

Primeiro o

matocala  
malocata  
macotala  
matacola  
matacalo  
matacala

ma toca la  
ma loca ta  
ma cota la  
ma taco la  
ma taca lo  
ma taca la

matocala→tacotama→catolama→tacaloma→macatalo→  
matacala→matocala→tacotama→catolama→tacaloma→  
macatalo→matacala→matocala→tacotama→catolama→t  
acaloma→macatalo→matacala→matocala→tacotama→ca  
tolama→tacaloma→macatalo→matacala→matocala→tac  
otama→catolama→tacaloma→macatalo→matacala→mato  
cala→tacotama→catolama→tacaloma→macatalo→matac  
ala→matocala→tacotama→catolama→tacaloma→macata  
lo→matacala→matocala→tacotama→catolama→tacalom  
a→macatalo→matacala→matocala→tacotama→catolama  
→tacaloma→macatalo→matacala→matocala→tacotama→  
catolama→tacaloma→macatalo→matacala→matocala→t  
acotama→catolama→tacaloma→macatalo→matacala→ma  
tocala→tacotama→catolama→tacaloma→macatalo→mat  
acala→matocala→tacotama→catolama→tacaloma→maca  
talo→matacala→matocala→tacotama→catolama→tacalo  
ma→macatalo→matacala→matocala→tacotama→catolam  
a→tacaloma→macatalo→matacala→matocala→tacotama  
→catolama→tacaloma→macatalo→matacala→matocala→  
tacotama→catolama→tacaloma→macatalo→matacala→m  
atocala→tacotama→catolama→tacaloma→macatalo→ma  
tacala→matocala→tacotama→catolama→tacaloma→mac  
atalo→matacala→matocala→tacotama→catolama→tacalo  
ma→macatalo→matacala→matacala→ → →



depois que o  
mato se  
acostuma

amatafala  
atafalama  
afalamata  
alamatafa  
amatafala

## amor a mar

Yemonja abençoou  
aquele beijo  
na beira do mar

Odoya

veio em onda  
pulando outra onda  
pulsando a espuma branca  
e as mãos se deram axé

motumbá Yemonja

do mar no corpo  
à beira-mar  
vi dançar aquela mulher

linda e o mar  
mantinha a música  
o mar naquele corpo  
de mulher

o mesmo mar no meu

um sorriso  
chega o rosto perto  
mão boca beijo

e o mar é o mesmo

Eruya

benção na espuma do mar

ganha mais tamanho o amor a mar

# Oríkì ancestral universal

Kiri eyele sonù  
Kyrie eleison

Perambula pássaro perdido  
Senhor, tende piedade

Kyrie eyele sonù  
Kiri eleison

Senhor pássaro perdido  
Perambula, tende piedade

## Oxaguian

Meu pai sempre  
se anunciou no corpo  
de outros filhos dele  
quando  
da tomada do meu orí  
em que sua presença  
se fazia através  
da minha

Não sei  
se vibra ínsito  
axó de obirin e àtòrì funfun

ou o amor  
que lhe transborda  
essa qualidade

O fato é que nunca antes  
estivera do lado mais velho

o que abraça  
e o plexo  
explode  
com o ímã  
do Guian

Adjalá  
como uma engrenagem d'água  
apazigua e aproxima  
seus filhos  
gravitado  
de algo semeado  
que galopa até o cavalo  
  
elegún caminho.

Então a Mansur entrou  
no Liceu do Galeto  
e eu nunca chorei  
daquele jeito  
antes disso.

Oxaguian que deposita  
sempre um pensamento  
oblíquo mesmo se traz  
conflito

Oxaguian que faz poema  
porque a cavidade da fala  
exige asa

Oxaguian que inventa  
a ferramenta que realiza  
o desejo

Orixá que vejo  
enxergando  
longe.

que sabe encaminhar  
o futuro nos nossos frutos

mas que precisa de ajuda

porque não existe heroísmo  
porque não existe nada  
que não seja faina

porque o milagre  
é o poema.

é o poema o iyan  
de que o pilão é a escrita.

saúdo Oxaguian  
que me mostra que tudo  
que ainda não existe  
está apenas aguardando  
uma ideia.

## Osé

Mexer no Ibà  
é manusear o véu  
que garante a visão  
de outro lugar

É o caleidoscópio  
entre d  
eus  
e  
s  
o  
me

Arrumado vejo um lado

Mexe na louça  
e aguça

Ouçó o osé



## enfeitura

a mãe de santo  
se deitou como tela  
modelo vivo na decisa  
que me recolheu

essa ìyálórìsá

me planta aos pés do seu santo  
mãe de santo  
que tanta confiança me honra  
chegando a ponto de ter a calma  
e buscar o sossego de adormecer  
ao meu lado

possui agora um sentimento infinito: cansaço

seu corpo  
exaurido de minha maternidade  
seu corpo  
fonte de tudo que funciona  
dentro desse axé

seu corpo  
tronco: foz dos filhos

cochila

cochila

apenas  
que a função, já já  
chacoalha seu pé  
alarmando o serviço da hora

pronto  
lá vai ela  
sob o sol escaldante de Bangu  
dizendo que vai chover  
e foi

## Elegia e labalaba

Se é possível  
que a emoção de um  
elogio à morte  
construa uma porta  
por onde passe Iansã

se essa Oyá  
reverencia nossa intimidade  
revelando uma identidade  
que nunca nos foi posta  
através de nenhum método  
ou prefixo de fluxo  
que permita o evento  
de maneira controlada

se apenas a presença  
da saudade aliada à confiança  
aliança

desfila e deflagra  
uma configuração  
que nos segura em riste  
a um amor perdido

quando perplexos nos conhecêramos  
apavorados de perda e ainda assim  
prenhes de encontro encanto

escárnio à condição que  
nos oprime a carne  
define o finito  
do furto outro  
para a nossa  
comunicação

então tiazinha,  
Carvãozinho vem brincar um pouco

Ele não quer nenhum recado  
que sua menina sabe tudo já

Ele vem dizer apenas  
que o tempo é agora  
que precisamos estar  
uns com os outros  
e que por mais que a destreza  
não alcance

o poema redime  
essa inexistência em luta  
que é a nossa exclusiva  
ação de estar juntos

Você pode até desdenhar  
o pirulito

apenas saiba  
da granada que ele  
ativa

## Alcance da linguagem

Na espera  
do orò

areia escorre  
por dentro  
do ará

esfolheando a  
labuta dura  
que se alojando  
nele

espera ainda  
as folhas  
frescas

dissolvidas  
em água  
e maceradas  
no pilão  
que trouxe  
certa vez  
de outra cidade.

As ferramentas  
simples

ainda são  
as que se  
mais comunicam  
com o que é máxima  
resistência dentro  
da gente;

como disse o José Mujica:

*Ainda temos  
aquela vida-tribo  
vivendo e querendo  
na nossa formação  
nos atravessando.*

Os seres semissocialistas  
por um instante  
silenciam

todos jogando  
seus joguinhos particulares  
capturados pelos  
telefones celulares

até que a  
tecnologia voluntariosa  
da metafísica exija  
atenção

mas não demorou  
muito  
e a conversa  
voltou a funcionar  
na Macumba.

Certas ações  
necessitam  
de ausência.

O ebó de  
logo após  
será a porta  
por nossas mãos  
para o vir a ser  
que o não mais  
do agora  
encerra  
hoje

e tudo caminha por dentro.

Haver essas  
Imagens  
é o que torna  
uma vida  
dupla.

Os mundos não se  
tocam, exceto  
por mim e  
minha companheira.

É justo e duro  
e é ainda  
um grande  
slogan de Ogan  
que carrego

nem sempre  
esquecido  
nem sempre  
vigente

mas  
constante  
e às vezes  
bruscamente  
presente no  
iniludível  
odor que  
se encrua  
na carne  
por dias



ou tinge-me as unhas  
ou fere meu antebraço

porém a certeza  
de como é  
jamais desponta

apenas a propaganda  
persegue a curiosidade  
de quem tem  
mas não está.

O corpo do povo  
de santo  
executa um esforço singular  
para ser esse coletivo.

Até aqui reexistimos  
e somos parte  
identidade  
parte  
segredo

profunda poesia física.

De casa,  
trouxe uma  
muda  
de saião  
para o  
axé.

Parece pouco,  
um gesto apenas  
botânico.

Mas é meu corpo  
que nesse duplo  
vegetal  
se desenvolve  
e destila o  
ar  
junto aos verdes  
em movimento.

Usar fios de conta  
sempre foi  
um desejo

até que eles  
comeram.

Agora,  
quando os ponho  
eles puxam  
meus cabelos

como fossem rédeas  
fincadas no meio  
do peito.

No escuro do quarto  
não sei que hora  
nem o que sucede  
do lado de fora.

Apenas me espia  
pela fresta deixada  
na porta entre  
aberta

os olhos da Dan  
no homem serpente  
que me cuida  
na calada.

## Axó

quando eu jazia  
ainda no início  
desse contato

sem saber  
o que dele  
maceraria  
a vida que  
estaria  
até onde  
me leva  
o presente  
e furdunço  
que este caminho  
apresenta como desdobramento  
de todo o pensamento  
que agora  
talvez  
entendo

uma criança de dois anos  
disse fácil e veloz  
com a destreza  
que uma Luiza  
poderia:

(e que exigia  
minha atenção  
já que tinha sido eu  
que a trouxera e pusera  
em contato com tal reflexo)

— Gosto da Iemanjá, é a mais bonita!

Mostrei Isabel  
que era quem dançava  
naquela circunstância  
que se dizia teatro.

— É.... mas só dá pra ver quando está vestida.

ainda estão tentando chegar a essa síntese  
os teólogos, as antropólogas, poetas ou filósofes.

## Ewì

Pode até  
parecer que não é

Mas quando o poema nasce

toda uma gama de vida

gravita nesse ímã

O poema afina  
o real à retina  
inaugura a concretude  
do que antes apenas  
se imagina

página age asa

Na hora em que o arco

artefato certo  
que exprime a  
invenção do  
demasiado  
cultura do  
terreiro

toca o solo

colho o poema  
que me segura no colo

Isso é muito  
mesmo dito assim dessa maneira

podendo até  
parecer que não é

é poema  
o Candomblé

## Pequeno glossário

**Abian:** Quem ainda não cumpriu os ritos de iniciação.

**Adié:** Galinha.

**Adjá:** Ferramenta percussiva.

**Adjalá:** Um Orixá.

**Adjuntó:** Orixá em harmonia.

**Ago:** Licença, pedir licença.

**Aréré:** Brincadeira esfuziante, felicidade, empolgação

**Ará:** Corpo.

**Àtòrì:** vara ritual usada no culto de Oxalá

**Axé:** Termo de múltiplos significados. Força sobrenatural que assegura a existência do ser humano e permite que as coisas aconteçam. Poder das divindades. Local da fundação do terreiro. Compartimento de reclusão para a iniciação. Força. Poder. Princípio da realização. O Sim.

**Axó:** Roupas.

**Ayé:** Globo terrestre. Mundo. Vida.

**Babá :** Pai. Guardião.

**Babalorixá:** Zelador. Pai de santo.

**Bara:** Conjunção das palavras oba: rei e ara: corpo. Rei do corpo. nome atribuído a Exu.

**Bessen:** Um dos nomes de Dan.

**Braja:** Fio de búzios. Trançado.



**Dan:** Vodun da nação Gege-Nagô de Origem Fon, corresponde a Oxumare, Orixá da nação de Ketu.

**Dandan:** Necessariamente.

**Ebó:** Oferenda.

**Éjé:** Sangue

**Ejò:** Cobra, serpente

**Elegún:** Cavalo, aquele que é montado. Pessoa apta ao transe.:

**Ekede:** Uma determinada função dentro da sociedade.

**Erê** ou **Ère:** Estátua, ídolo. No Brasil, corresponde ao espírito das crianças.

**Erinlé:** Um Orixá.

**Eruya:** Saudação.

**Ewì:** Poema.

**Ewé:** Folha.

**Exu:** Um Orixá.

**Funfun:** Cor branca.

**Iansã** ou **Oyá:** Uma Orixá.

**Ibá** ou **Igbá:** Altar.

**Ilá:** Identidade vocal do Orixá.

**Ilé:** Casa. Moradia.

**Ìyá:** Mãe. Guardiã.

**Ìyálórìsá:** Zeladora. Mãe de santo.

**Iyan:** Uma determinada comida.

**Ìyáwó** ou **Yaô:** Filhe de santo.

**Kabiyèsílé:** Saudação.

**Ketu:** Nação Yorubana. Cidade beninense na fronteira com a Nigéria.

**Labalaba:** Borboleta.

**Laróyè:** Saudação.

**Logunedé:** Um Orixá.

**Macumba:** Termo utilizado algumas vezes de forma pejorativa para se referir ao conjunto de rituais afro-brasileiros, de matriz africana, já também incorporado pelos seus praticantes e usado afirmativamente, evidenciando a ignorância do preconceito e da segregação. Essa palavra é uma chave para muito debate e abertura ao conhecimento. Diz-se também que, em tempos longínquos, seria um instrumento de percussão próximo ao reco-reco.

**Mariwó:** Folhas do dendezeiro.

**Modupé:** Eu te agradeço.

**mó fé o:** Eu amo você.

**Motumbá:** Peço sua benção.

**Nanã:** Uma Orixá.

**Obanixé Kawó:** Saudação.

**Obé:** Faca.

**Obirin:** Mulher.

**Odé:** Um Orixá.

**Odoya:** Saudação.

**Odù:** Signos do oráculo de Ifá que determinam as mensagens que serão interpretadas pelo bàbáláwo. Probabilidades. Caminho.

**Ofá:** Arco e flecha.

**Ogan:** Uma determinada função dentro da sociedade.

**Ogun:** Um Orixá.

**Ojú:** Olhos, Vista, Face. Rosto. Abertura.

**Okan:** Coração.

**Oke:** Saudação.

**Omi:** Água.

**Omolu:** Um Orixá.

**Onié:** Inteligência, aquele que tem o poder da mente.

**Onilé:** Um Orixá.

**Ora Yé Yé o:** Saudação.

**Orí:** Cabeça.

**Oríkì:** Poema ferramenta do encanto.

**Orin:** Cantiga.

**Orô ou Orò:** Ritual.

**Orun:** Espaço infinito. Céu. Mundo espiritual.

**Osé:** Sabão.

**Oxaguian:** Um Orixá.

**Oxum:** Uma Orixá.

**Oyó:** Cidade da Nigéria, reino de Xangô.

**Padê:** Uma determinada comida.

**Pèlèpèlé:** Devagarinho, com muita calma.

**Peregun:** Uma determinada planta.

**Runkó:** Quarto onde o filhe de santo faz sua iniciação.

**Yemonja:** Uma Orixá.

---

Este livro foi composto em Bembo  
Std pela Editora Autografia e impresso  
em papel pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>.

---